

Condições laborais e nível de estresse em silvicultores do eucalipto-ssp de um Município no Leste da Bahia

Labor conditions and stress level in forests from eucalyptus-ssp of a Municipality in East Bahia

DOI:10.34117/bjdv7n3-672

Recebimento dos originais: 25/02/2021

Aceitação para publicação: 25/03/2021

Paulo Tadeu Ferreira Teixeira

Mestrado Tecnologia aplicáveis a Bionergia

Instituição: Faculdade UNIFTC de Itabuna

Endereço: Praça José Bastos, 55 - Osvaldo Cruz, Itabuna - BA, 45600-080

E-mail: paulotteixeira_@hotmail.com

Marcos Lázaro da Silva Guerreiro

Doutorado em Patologia Humana

Instituição: Centro Universitário UNIFTC

Endereço: Av. Luís Viana Filho, 8812 - Paralela, Salvador - BA, 41741-590

E-mail: marlazarol0@gmail.com

Lídia Cristina Villela Ribeiro

Doutorado em Patologia

Instituição: Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Endereço: Rua Silveira Martins 2555, Cabula, Salvador- Bahia.

CEP 41180-045.

E-mail: lribeirossa@gmail.com

Astria Dias Ferrão Gonzales

Doutorado

Instituição: Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Endereço: Área Básica de Ciências Biológicas- Departamento de Ciências da VIDA-

Av. Silveira Martins, 2555- Cabula, CEP: 41150-000, Salvador- Bahia

E-mail: agonzales@uneb.br

RESUMO

O estudo objetivou investigar a ocorrência de estresse nos trabalhadores da silvicultura do eucalipto que desenvolvem atividades no plantio, cultivo e manejo nos distritos de Alagoinhas-Ba. Para coleta e análise dos fatores foi utilizada a Escala de Vulnerabilidade e Estresse no Trabalho (EVENT) associado a um questionário socioeconômico. O teste e o questionário foram aplicados em 80 trabalhadores com faixa etária entre 20 a 60 anos, após receberem as informações do estudo e assinarem o Termo de Livre Consentimento Esclarecido (TCLE) com CAE n076423617100005028. A amostra de trabalhadores foi por conveniência de forma aleatória, onde todos foram orientados quanto às etapas do estudo realizado. O instrumento aplicado buscou identificar sintomatologias que os indivíduos apresentavam, avaliando e qualificando sinais e sintomas predominantes de estresse bem como se as variáveis socioeconômicas estavam influenciando. Os resultados da Escala EVENT apontou o fator 2 (pressão no ambiente de trabalho) como principal

fator influenciador da geração do estresse laboral, com índice de incidência nos participantes de 42,9% (médio superior) e 32,1% (superior). Este último valor é um indicador de alta vulnerabilidade ao estresse. A avaliação do fator 3, Infraestrutura e rotina (tabela 4), teve um indicativo de 10,7%, o que sugere uma média tendência ao estresse. Assim é possível afirmar que a população estudada é vulnerável e suscetível ao estresse. A avaliação em conjunto dos fatores 1 2 e 3 revelou que o nível de estresse elevado nesses trabalhadores, aumenta o risco de acidentes de trabalho, dificulta as relações interpessoais, decréscimo da qualidade vida e conseqüentemente da produtividade laboral.

Palavras-Chave: Condições laborais, Eucalipto, Estresse.

ABSTRACT

The study aimed to investigate the occurrence of stress in eucalyptus forestry workers who develop activities in planting, cultivation and management in the districts of Alagoinhas-Ba. For the collection and analysis of factors, the Vulnerability and Stress at Work Scale (EVENT) was used, associated with a socioeconomic questionnaire. The test and the questionnaire were applied to 80 workers aged 20 to 60 years, after receiving the study information and signing the Informed Consent Form (ICF) with CAE n076423617100005028. The sample of workers was randomly selected for convenience, where everyone was instructed on the stages of the study. The instrument applied sought to identify the symptoms that the individuals presented, evaluating and qualifying the predominant signs and symptoms of stress as well as whether the socioeconomic variables were influencing. The results of the EVENT Scale pointed to factor 2 (pressure in the workplace) as the main factor influencing the generation of occupational stress, with an incidence rate in the participants of 42.9% (upper middle) and 32.1% (higher). This latter value is an indicator of high vulnerability to stress. The evaluation of factor 3, Infrastructure and routine (table 4), had an indicator of 10.7%, which suggests an average tendency to stress. Thus, it is possible to state that the studied population is vulnerable and susceptible to stress. The joint assessment of factors 1 2 and 3 revealed that the high stress level in these workers, increases the risk of accidents at work, hinders interpersonal relationships, decreases in quality of life and, consequently, at work productivity.

Keywords: Working conditions, Eucalyptus, Stress.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil nas últimas décadas vem se destacando como um dos maiores produtores de eucalipto no mundo, tendo o Estado da Bahia uma participação significativa neste cenário atingindo no ano de 2014 o quinto lugar como produtor de florestas no país, com um percentual de 94% do plantio de eucalipto (ABAF, 2015). A expansão do setor florestal na Bahia é uma fonte de trabalho, direta e indireta, sendo as atividades referentes ao preparo das mudas, dos terrenos, o plantio/colheita até o processamento industrial dos diferentes produtos associados à madeira (ABAF, 2018).

Estudos recentes sobre as condições laborais relacionadas à silvicultura vêm revelando aumento dos riscos ergonômicos, nutricionais e psicológicos afetando diretamente a saúde do trabalhador (COSTA et al., 2019; LIMA et al., 2019; LIMA et al., 2020). A presença de agentes nocivos ou perturbadores presentes no local da tarefa (excesso de ruído, temperaturas muito elevadas, gases, poeira e outros) manifestam-se através fenômenos relacionados com a sensação/percepção capazes de desencadear estresse no ambiente trabalho (FIORELLI, 2015).

O estresse é compreendido atualmente como fenômeno mundial com altos impactos no trabalho, especialmente por desencadear diversos tipos de comprometimento na saúde dos trabalhadores, podendo ser definido como um processo pelo qual as vivências e demandas psicológicas no local de trabalho produzem alterações na saúde física e mental do trabalhador, pois compromete sua qualidade no serviço prestado, colocando em risco sua produtividade (GANSTER & ROSEN, 2015; ROMANI & ASHKAR, 2014).

O estresse ocupacional apresenta uma estreita relação com algumas doenças relacionadas ao trabalho, comprometendo a saúde do trabalhador e problematizando o desempenho das suas funções laborais. A avaliação do estresse no ambiente de trabalho é uma ação complexa, o que exige a formulação de instrumentos capazes de minimizar as fragilidades demonstradas em estudos já realizados. Os agentes desencadeadores do estresse estão presentes em qualquer ambiente de trabalho, no entanto, o aparecimento do estresse estar sujeito aos tipos de agentes e a intensidade com que se manifestam, e está relacionado ao contexto organizacional e à personalidade de cada indivíduo. (BARCAUI & LIMONGI-FRANÇA, 2014). Ressalta-se que o estresse ocupacional ocorre quando o indivíduo não consegue atender às demandas solicitadas por seu trabalho, desencadeando sofrimento psíquico, mudanças de comportamento, comprometimento no sono e sentimentos negativos, ressaltando que o meio onde o indivíduo está inserido é considerado uma possível fonte de estresse (LIPP, 2012).

O estresse laboral pode ser associado a outros agravos psíquicos como a ansiedade, depressão, síndrome de Burnout, entre outros. O descontentamento no trabalho influencia em inúmeras dificuldades como: na condição socioeconômica dos trabalhadores, na falta de controle durante o trabalho, o declínio no apoio e reconhecimento social de suas práticas (FREITAS, 2014). Esses elementos figuram como fatores somáticos para o aparecimento do estresse. Zanelli (2013) argumenta que entre os diversos agentes estressores no contexto de trabalho, destacam-se: muitas vezes o pouco

reconhecimento no trabalho; a reduzida participação dos trabalhadores nas decisões da empresa; extensas jornadas de trabalho; pressão de tempo, excesso de burocracia, entre outros fatores. As más condições de trabalho têm evidentes implicações na saúde e na qualidade de vida humana.

Dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) (2016), no Brasil, estudos sobre afastamento devido a acidentes e doenças no ambiente de trabalho revelou que 20% dos benefícios anuais de saúde foram relacionados a desordens mentais. Mediante os desafios do progresso industrial, a globalização e o desenvolvimento tecnológico impõem condições que excedem os limites das habilidades e competências das pessoas, e que gera como resultado o estresse no ambiente de trabalho, podendo acarretar disfunções físicas, psicológicas, sociais, dificultando a produtividade e as relações sociais.

Os trabalhadores sob o efeito do estresse podem declinar seu desempenho e aumentar os custos financeiros das organizações, em decorrência dos possíveis problemas de saúde, suscitando maior rotatividade e absenteísmo, entre outros. Sendo assim, o estresse ocupacional compromete, portanto, a saúde do trabalhador, da organização e da sociedade (PAIVA, GOMES, & HELAL, 2015).

Neste contexto, a pesquisa buscou conhecer o impacto do nível de estresse em trabalhadores que desenvolvem atividades no campo da silvicultura do eucalipto, visando identificar se os fatores influenciadores do estresse como o ritmo acelerado de trabalho, o ambiente físico inadequado e muita responsabilidade diária eram capazes de elevar o nível de estresse e comprometer as atividades laborais refletindo no desempenho da produtividade da empresa.

2 MÉTODOS

A pesquisa foi realizada através de um estudo de campo, exploratório descritivo, correlacional, transversal e quantitativo, com o intuito de estimar o nível de vulnerabilidade ao estresse entre silvicultores do eucalipto filiados a uma cooperativa de prestação de serviço para empresas de produção e plantio do eucalipto situado no município de Alagoinhas - BA. Caracteriza-se por ser um estudo transversal, pois considerou as circunstâncias da população em uma referida ocasião sendo representativo da realidade dos indivíduos (ROUQUAYROL; ALMEIDA FILHO, 2006).

Nossa amostra foi composta por 80 participantes do sexo masculino, com tempo de serviço variando entre três meses a cinco anos, filiados a uma cooperativa de prestação

de serviço no setor de silvicultura. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes do início da coleta de dados, conforme regulamenta a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. A coleta dos dados foi iniciada pelo preenchimento do questionário sociodemográfico para a avaliação das condições socioeconômicas. Posteriormente aplicou-se à escala EVENT. A pesquisa foi aprovada pelo CPE do Hospital Roberto Santos, com CAAE 54228616.2.0000.5028. Todas as atividades relacionadas ao uso e manipulação dos dados estão de acordo com as normas éticas exigidas.

Para a avaliação dos fatores desencadeadores do estresse foi utilizada a Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT), contendo 40 situações de trabalho, desenvolvida por SISTO et al (2007). A referida escala avalia o quanto as circunstâncias do cotidiano podem influenciar no desenvolvimento de indicadores que traduzem e sugerem a vulnerabilidade ao estresse laboral. O presente instrumento avaliou o grau de vulnerabilidade através de itens que causam algum tipo de desconforto. Após essa etapa, os dados foram interpretados a partir da escala Likert, que traduz o grau de satisfação dos trabalhadores com as seguintes opções: “nunca” (0), “às vezes” (1), “frequentemente” (2). O grau de satisfação era baseado nas referidas situações: acúmulo de funções, acúmulo de trabalho, ambiente físico inadequado, dobrar jornadas, expectativa excessiva da chefia e outros. Posteriormente esses dados foram transformados em indicadores representativos dos fatores inferior, médio e superior. As referidas respostas contidas nos dois instrumentos foram tabuladas em planilha eletrônica e analisadas sobre a óptica da estatística descritiva, juntamente com suas medidas de dispersão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todos os silvicultores avaliados nesse estudo desenvolvem atividades de plantio, cultivo, adubação, manejo, coleta e processamento, estando associados a uma cooperativa local, sem especificidade de função.

Em relação às características socioeconômicas, observou-se que a maioria dos participantes da pesquisa apresentam faixa etária entre 20 a 40 anos (76,25), baixo nível de escolaridade (45%), renda familiar de um salário mínimo (98,75%) e estado civil solteiro (47,50%) conforme ilustra a tabela 1.

Tabela 1 – Indicadores sociodemográficos dos trabalhadores da silvicultura do eucalipto na região de Alagoinhas-Bahia.

Características socioepidemiológicas	f	%
Gênero		
Masculino	80	100,00%
Faixa Etária		
20 a 40	61	76,25%
41 a 60	18	22,50%
> 60	01	1,25%
Grau de Escolaridade		
Não alfabetizado	1	1,25%
Ensino fundamental I	36	45,00%
Ensino fundamental II	26	32,50%
Ensino médio	17	21,25%
Renda Familiar		
01 salário mínimo	79	98,75%
Até 03 salários mínimos	1	1,25%
Estado Civil		
Solteiro	38	47,50%
Casado	23	28,75%
Outros	19	23,75%

Fonte: Dados da pesquisa (2016) baseados no questionário sociodemográfico.

A tabela 2, demonstra em porcentagem os resultados do fator 1, relacionado ao clima e funcionamento organizacional. Esse fator representa vulnerabilidade sendo capaz de desencadear estresse nos participantes. Os resultados deste fator apontaram que cerca 13,2% dos participantes, apresentaram resultado inferior, não possuindo nenhuma vulnerabilidade ao estresse. Dos participantes 50% apresentaram o nível médio inferior, caracterizando uma baixa vulnerabilidade ao estresse. 9,5% dos participantes apresentaram resultado médio superior caracterizando uma alta vulnerabilidade ao estresse. 21,4% dos participantes apresentaram resultado superior, caracterizando o estresse.

Tabela 2. Dados representativos do Fator 1 (Clima e Funcionamento Organizacional) da escala EVENT, pela a avaliação descritiva.

	Pontuação	Classificação	Frequência	(%)	Incidência	(%)
Fator 1	6	Inferior	1	0,012	11	13,2
	7	Inferior	5	0,060		
	8	Inferior	3	0,036		
	9	Inferior	2	0,024		
	10	Médio inferior	12	0,143	39	50,0
	11	Médio inferior	12	0,143		

12	Médio inferior	9	0,119		
13	Médio inferior	2	0,024		
14	Médio inferior	4	0,071		
15	Médio	8	0,095	8	9,5
16	Médio Superior	4	0,048		
17	Médio Superior	3	0,036		
18	Médio Superior	4	0,048	17	21,4
19	Médio Superior	6	0,083		
20	Superior	3	0,036		
21	Superior	2	0,024	5	6,0

Fonte: Dados da pesquisa (2016) obtidos da escala EVENT, pela avaliação descritiva dos indicadores de vulnerabilidade ao estresse.

É percebido que O fator I Clima e Funcionamento Organizacional está relacionado aos aspectos relativos à função da pessoa no local de trabalho, baixa remuneração, conflito nos relacionamentos interpessoais e falta de perspectiva profissional. Com base na interpretação desse resultado, podemos inferir que este fator pode oferecer grau de risco considerável e merece atenção especial e que as relações interpessoais no ambiente de trabalho interferem diretamente na motivação das pessoas, assim como podem favorecer o seu adoecimento.

De acordo Maximiano (2011), o processo motivacional está associado ao ambiente em que a pessoa vive e no trabalho, onde passa a maior parte do tempo. Este mesmo autor enfatiza que o local de trabalho é de grande importância na realização das satisfações e das necessidades humanas, sendo a motivação intrínseca para cada sujeito. Souza (2016) relata que quando os trabalhadores de uma empresa são valorizados e respeitados, se sentem mais envolvidos e comprometidos com o trabalho porque automaticamente, vão ter o sentimento de que fazem parte da empresa. Isso favorece como a forma do ambiente organizacional é percebido pelos indivíduos no ambiente laboral.

Nesse tocante nossos dados revelaram que o Clima e Funcionamento Organizacional, indicou que 63,2% (inferior e médio inferior) dos trabalhadores, apresentam vulnerabilidade ao estresse. O dado demonstra que a presença de vulnerabilidade na variável Clima e Funcionamento Organizacional desencadeia indícios de insatisfação com o trabalho, dificuldade de relacionamento entre pares no ambiente laboral, excesso de responsabilidade e cobranças pode desencadear o estresse como a

exaustão emocional dos trabalhadores podendo culminar na baixa produtividade do serviço realizado. De acordo com o estudo de Martinez & Latorre (2006), o nível de insatisfação dos trabalhadores pode ocorrer de forma subestimada mesmo em situações laborais adversas como visto no nosso estudo. Parece-nos que a dependência econômica relacionada ao trabalho exerce uma influencia direta no grau de resposta dos indivíduos.

O clima organizacional é específico a cada realidade, pois consiste na forma como os empregados percebem seu ambiente de trabalho num determinado momento dado da história da organização. Ressaltando que, numa mesma organização podem existir diversos climas, característicos de áreas ou setores organizacionais. Segundo Beehr (1995), o clima organizacional é sempre mencionado por diversas pesquisas como sendo uma fonte importante de estresse. Em geral, o estresse se instala quando os fatores estressores presente no ambiente de trabalho interagem com as características individuais e resultam em comprometimento nas esferas psicológicas e fisiológicas (ROSSI e PERREWÉ 2014).

Os resultados da tabela 3, Pressão no Ambiente de Trabalho, apontaram que 7,1% dos participantes apresentaram um grau inferior o que representa nenhuma vulnerabilidade ao estresse. 8,3% dos participantes apresentaram um grau médio inferior, caracterizando-os com uma baixa vulnerabilidade ao estresse. Porém 42,9% dos participantes apresentaram grau médio superior indicando que ele está vulnerável ao estresse no trabalho, e 32,1% apresentaram grau superior, indicando estresse nestes participantes. Assim é possível afirmar que essa população estudada é altamente vulnerável.

Tabela 3. Apresenta os resultados do Fator 2 (Pressão no ambiente de Trabalho), extraído da escala EVENT, pela a avaliação descritiva.

	Pontuação	Classificação	Frequência	(%)	Incidência	(%)
Fator 2	7	Inferior	2	0,024	6	7,1
	8	Inferior	3	0,036		
	9	Inferior	1	0,012		
	10	Médio inferior	1	0,012	7	8,3
	12	Médio inferior	4	0,048		
	13	Médio inferior	2	0,024		
	15	Médio	8	0,095	8	9,5
	16	Médio Superior	2	0,024	34	42,9
	17	Médio Superior	8	0,107		

	18	Médio Superior	11	0,143		
	19	Médio Superior	13	0,155		
	20	Superior	15	0,190	25	32,1
	21	Superior	9	0,119		
	23	Superior	1	0,012		

Fonte: Dados da pesquisa (2016) extraídos da escala EVENT, representativos da avaliação descritiva para os indicadores de vulnerabilidade ao estresse.

O estresse pode estar associado ao descontrole emocional, em que se constate a falta de capacidade de tomar as próprias decisões ou de utilizar um certo número de habilidades e competências, que mediante as pressões exercidas pelo meio laboral compromete cada vez mais a atuação dos indivíduos em sua rotina laboral (MILKOVICH; BOUDREAU, 2012). Nossas observações in loco revelaram que a maioria dos trabalhadores após horas de trabalhos passavam a ter limitações no exercício de determinadas habilidades (redução da atenção, cansaço físico e mental, irritabilidade, fadiga, alteração de humor e desânimo). Muitas vezes a insatisfação pelo ambiente de trabalho, as pressões estabelecidas pelos gestores, a classe socioeconômica dos funcionários, o descontrole emocional diante da rotina laboral, a falta de apoio e de reconhecimento social de suas práticas podem ser fatores determinantes para a manifestação do estresse (FREITAS et al., 2014). Essas situações citadas acima retratam a realidade da população estudada o que justificaria o alto índice de estresse diagnosticado.

Clark et al. (2014) chamam a atenção que trabalhadores submetidos a pressão no ambiente laboral poderão desencadear prejuízos na saúde, através de vários sintomas, como: sensação de desgaste físico, constante tensão muscular, problemas com a memória, cansaço mental e insônia, entre outros, declinando seu desempenho laboral e deixando-os sujeitos riscos de acidentes de trabalho. Desta forma se o nível de estresse continuar por um período prolongado é provável que os silvicultores estudados decorram a cometer erros e sofrer quedas de eficiência ou acidentes de trabalho, uma vez que a vulnerabilidade ao estresse interfere no poder de concentração, produtividade e na responsabilidade do serviço.

Em nossa amostra a avaliação do fator 3 relacionado à infraestrutura e rotina laboral revelou que 89,3% dos participantes teve vulnerabilidade inferior ao estresse, caracterizando nenhuma vulnerabilidade, ou seja, a ausência de estresse. Os dados revelaram que 10,7% dos trabalhadores apresentavam uma baixa vulnerabilidade ao

estresse (classificação médio inferior). Foi percebido que o medo de revelar dados referentes à infraestrutura e rotina da atividade laboral influenciou diretamente no resultado desse fator, pois esses dados chocam-se ao fator 2 (Pressão no ambiente de Trabalho). Através do discurso coletado durante as entrevistas nos trabalhadores foi possível observar que as atividades laborais relacionadas ao cotidiano e ao ambiente de trabalho, revelaram situações de riscos diversas e exposição a fatores físicos excessivos como radiação solar, porém ocultadas pelos trabalhadores, o que foi decisiva para o resultado do fator 3 (tabela 4).

Tabela 4. Apresenta os resultados do Fator 3 (Infraestrutura e Rotina), extraído da escala EVENT, pela a avaliação descritiva.

	Pontuação	Classificação	Frequência	(%)	Incidência	(%)
Fator 3	4	Inferior	5	0,060	71	89,3
	5	Inferior	13	0,179		
	6	Inferior	26	0,333		
	7	Inferior	13	0,155		
	8	Inferior	14	0,167		
	10	Médio inferior	4	0,048	9	10,7
	11	Médio inferior	2	0,024		
	12	Médio inferior	3	0,036		

Fonte: Dados da pesquisa (2016) referente à escala EVENT, através da avaliação descritiva dos indicadores de vulnerabilidade ao estresse.

Glina (2010) aponta que os fatores físicos podem ser diretos, decorrente das condições de trabalho ruins como tarefas repetidas, ruído, odor, altas temperaturas entre outros fatores físico/laborais. O grau em que os agentes estressores afetarão o indivíduo dependerá da vulnerabilidade individual e da elaboração de mecanismos de enfrentamento pessoal. Esse estudo avaliando modelos de percepção do estresse, explica o grau de variação encontrada nos nossos dados quando percebemos uma ampla variação nas variáveis estudadas em relação ao grau de percepção individual dos trabalhadores. Roscani et al., (2017), verificaram que trabalhadores expostos a fatores físicos como altas temperaturas pelo cultivo e manejo de monoculturas, como a da cana-de-açúcar, passam a desenvolver estresse, podendo esse ser um fator letal, entre estes trabalhadores. Esses dados corroboram com nossos achados quando relacionamos o ambiente físico exposto aos trabalhadores da pesquisa o que acaba desencadeando assim alterações do comportamento evidenciados no fator 2.

As exigências no mercado de trabalho nas últimas décadas vêm consumindo a energia física e mental dos trabalhadores. As pressões do ambiente de trabalho associada ao medo da perda do emprego fazem com que muitos trabalhadores ocultem dados representativos da realidade laboral, o que acabam trazendo consequências negativas para o trabalhador como: aumento da carga de trabalho, insegurança pela instabilidade do emprego, redução de ganhos e perda de benefícios. Percebemos que situações conflituosas como controle supervisionado, excesso de trabalho e acúmulo de tarefas contribuirá para o desenvolvimento de problemas de saúde da população estudada.

Os resultados encontrados condizem com os dados da literatura, pois as maiores pontuações na escala EVENT, indica mais vulnerabilidade ao estresse, dificultando o clima organizacional e favorecendo o desenvolvimento de estresse laboral.

4 CONCLUSÃO

O estudo concluiu que o uso dos instrumentos psicológicos, como é caso da Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT) é capaz de demonstrar vulnerabilidade ao estresse. Neste tocante, à pesquisa revelou nos silvicultores maior vulnerabilidade ao estresse relacionado ao Fator Pressão no Ambiente de Trabalho. Esses dados em conjunto apontam perda da qualidade de vida e deterioração das relações interpessoais e conseqüentemente surgimento do estresse.

É importante ressaltar que embora os resultados apontem para nível de estresse médio nos trabalhadores, não foi evidenciado pelas nossas análises estratégias de enfrentamento por parte da empresa até o momento atual a fim de minimizar os níveis de estresse nos trabalhadores pesquisados. Portanto, são necessárias ações de promoção e prevenção à saúde no ambiente laboral visando prevenir o agravamento dos níveis de estresse e o adoecimento desses trabalhadores. Assim, podem ser agendados grupos educativos com os profissionais para discutir os mecanismos de enfrentamento permitindo então, um manejo adequado dos fatores estressores e a prevenção do estresse.

Sugerimos para minimizar o risco da manifestação do estresse no ambiente laboral algumas iniciativas como: condição de trabalho satisfatória como melhora no ambiente físico; adequação nas escalas de trabalho diária, semanal e mensal; aperfeiçoamento das relações entre chefia e subordinados, proporcionando melhores condições de vida dentro e fora do ambiente de trabalho, contribuindo o que contribuirá de forma direta para a qualidade da assistência prestada ao indivíduo.

REFERÊNCIAS

ABAF. ASSOCIAÇÃO BAIANA DAS EMPRESAS DE BASE FLORESTAL – ABAF. Bahia Florestal relatório ABAF 2015. Disponível em: <http://www.abaf.org.br/wp-content/uploads/2016/04/Bahia-Florestal-2015.pdf>>. Acesso em: 16 de Jul. 2020.

ABAF. ASSOCIAÇÃO BAIANA DAS EMPRESAS DE BASE FLORESTAL – ABAF. Relatório de ações ABAF e do setor florestal em 2018. Salvador-BA, 2018. 03 p. Disponível em: < <http://www.abaf.org.br/wp-content/uploads/2019/01/ESPECIAL-2018-2.pdf>>. Acesso em: 16 jul. de 2020.

BARCAUI, A.; Limongi-França, A. C. Estresse, Enfrentamento e Qualidade de Vida: Um Estudo Sobre Gerentes Brasileiros. *Rev. adm. contemp.* [online]. Vol. 18, n.5, p. 670-694. 2014.

BEEHR, T. A. *Psychological Stress in the Workplace (Psychology Revivals)*. London: Routledge (1995).

CLARK, M. M.; Warren, B. A.; Hagen, P. T.; Johnson, B. D.; Jenkins S. M.; Werneburg, B. L.; Olsen, K. D. Stress level, health behaviors, and quality of life in employees joining a wellness center. *American Journal of Health Promotion*. Vol. 26 n.1, p. 21-5. 2014.

COSTA, CARLA LORENA DE ARAUJO; MAIA, ROBINSON MAGALHÃES ; GUERREIRO, MARCOS LÁZARO DA SILVA ; EXLER, RODOLFO BELLO . Síndrome de Burnout em trabalhadores de uma empresa de base florestal com serviços de silvicultura. *Revista Eletrônica Acervo em Saúde*, v. 11, p. e590, 2019.

FIORELLI, J.O. *Psicologia para administradores, como enfrentar o assédio psicológico e o estresse no trabalho*. São Paulo: Atlas S.A, 2015.

FREITAS AR, CARNESECA, E.C., Paiva; PAIVA, B.S.R. Impacto de um programa de atividade física sobre a ansiedade, depressão, estresse ocupacional e síndrome de Burnout dos profissionais de enfermagem no trabalho. *Rev Latinoam Enferm*. Vol. 22 n° 2; p.332-336. 2014.

GLINA, D. M. R. Modelos teóricos de estresse e estresse no trabalho e repercussões na saúde do trabalhador. In: GLINA, D. M. R; ROCHA, L. E. (Org). *Saúde Mental no trabalho: da teoria à prática*. São Paulo: Roca, 2010.

GANSTER, D. C. & Rosen, C. C. Work stress and employee health: a multi-disciplinary review. *Journal of Management*, Vol. 39, n° 5, p.1085-1122. 2015.

LIMA, T. S.; SPIER, A.; MOREIRA, B. S. V.; GUERREIRO, M. L. S. Perfil nutricional dos trabalhadores do manejo de eucalipto no extremo sul da Bahia. *Revista Eletrônica Acervo em Saúde*, V. 12, p. e2630-1, 2020.

LIMA, M. O.; MAIA, R. M. Sinais e sintomas associados a doenças osteomusculares em trabalhadores de uma empresa florestal com serviços de silvicultura. *Revista Eletrônica Acervo em Saúde*, v. 11, p. e357, 2019.

LIPP, M. N. Stress na atualidade: qualidade de vida na família e no trabalho. 2012. Disponível em: <http://www.estresse.com.br/publicacoes/stress-na-atualidade-qualidade-de-vida-na-familia-e-no-trabalho/>. Acesso em: 22 set. 2017.

MARTINEZ M. C.; LATORRE M. R. O. Saúde e capacidade para o trabalho em trabalhadores de área administrativa. Rev. Saúde Pública. Vol. 40 nº 5. P. 851-8. 2006.
MAXIMIANO, A. C. A. Introdução à administração. 8 ed. Rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2011.

MILKOVICH, G.T.; BOUDREAU, J.W. Administração de Recursos Humanos. São Paulo: Atlas, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TRABALHO; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Estresse no ambiente de trabalho cobra preço alto de indivíduos, empregadores e sociedade. Disponível em: http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5087%estresse-no-ambiente-de-trabalho-cobra-preco-alto-de-individuos-empregadores-e-sociedade&Itemid=839. Acesso em: 04 de out. 2018.

PAIVA, K. C. M.; GOMES, M. A. N; HELAL, D. H. Estresse ocupacional e síndrome de burnout: proposição de um modelo integrativo e perspectivas de pesquisa junto a do ensino superior. Gestão & Planejamento, 16 nº3, p. 285-309. 2015.

ROMANI, M.; ASHKAR, K. Burnout among physicians. Libyan. Journal of Medicine, nº 9, p. 235-254. 2014.

ROSCANI, R.C.; BITENCOURT, D.P; MAIA P.A. et. al., Risco de exposição à sobrecarga térmica para trabalhadores da cultura de cana-de-açúcar no Estado de São Paulo, Brasil. Cad. Saúde Pública, 33 nº 3, e00211415. 2017.

ROSSI, A. M.; PERREWÉ, P.; SAUTER, S. Stress e qualidade de vida no trabalho. São Paulo: Editora Atlas, 2014.

ROUQUAYROL, M.Z; ALMEIDA FILHO, N. Epidemiologia e saúde. 6ª edição, Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2006.

SISTO, F.F.; BAPTISTA, M.N.; NORONHA, A.P.P. & SANTOS, A.A.A. Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho &– EVENT. São Paulo: Vetor, 2007.

SOUZA, H. P. R. T. A importância de valorizar os colaboradores no ambiente organizacional. XII Congresso Nacional de Excelência em Gestão, 29 e 30 de setembro de 2016. Disponível em: < http://www.inovarse.org/sites/default/files/T16_M_041.pdf> Acesso em: 16 jul. 2020.

ZANELLI, J. C. Estresse nas organizações de trabalho: compreensão e intervenção baseadas em evidências. Porto Alegre: Artmed, 2013.